

Epitáfio satírico de D. Francisco de Quevedo e a escritura como "Damnatio Memoriae"

D. Francisco de Quevedo's satirical epitaphs
and the writing as *Damnatio Memoriae*

Marcello Moreira¹

Luzia Silva Pinto²

Resumo: Propõe-se a análise de epitáfio satírico de Dom Francisco de Quevedo com o objetivo de compreender como estão articulados nele o *topos* poético do "*Exegi monumentum aere perennius*", de origem horaciana, as tópicas próprias do gênero "epitáfio", como, por exemplo, a "admoestação" aos passantes, e o cômico, por efetuação da "m"aledicência" (*bomolochia*). Lê-se a *Poética* de Aristóteles com o objetivo de compreender o que se entendia por cômico e os dois grandes subgêneros em que ele estava dividido desde a Antiguidade, e perscrutam-se poéticas dos séculos XVI e XVII em que a doutrina aristotélica sobre esse gênero foi atualizada. Por fim, demonstra-se a articulação entre poética/cômico e retórica demonstrativa.

Palavras-chave: Dom Francisco de Quevedo. Poética. Sátira.

Abstract: We propose the analysis of a satirical epitaph by Don Francisco de Quevedo with the aim of understanding how the poetic *topos* of the "*Exegi monumentum aere perennius*", from a Horacian origin, the typical topics of the "epitaph" genre, such as "admonition" to passers-by, and the comic, by means of "slander" (*bomolochia*) are articulated within it. We read Aristotle's *Poetics* in order to understand what was meant by comic and the two great subgenera in which it was divided since Antiquity while examining poetics from the sixteenth and seventeenth centuries in which the Aristotelian doctrine on this genre has been updated. Finally, we demonstrate the articulation between poetic/comic and demonstrative rhetoric.

Key-words: Dom Francisco de Quevedo. Poetics. Satire.

1 Professor Pleno de Letras Luso-Brasileiras e de Historiografia e História Literária do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada do Bem Querer, Km 04, Vitória da Conquista, BA, CEP: 45031-300

2 Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: luziaftc@yahoo.com.br

Marcello
Moreira

Luzia Silva
Pinto

50

(I)

O estudo, que ora se dá a ler, objetiva discutir a relação entre epitáfio, monumento e memória, na Espanha monárquica, dos séculos XVI e XVII, na qual se efetuou a produção dos epitáfios satíricos do poeta espanhol Francisco de Quevedo. Para tanto, analisaremos um epitáfio satírico do citado poeta, levando-se, na devida conta, os seus fundamentos retórico-poéticos, suas implicações teológico-políticas, bem como sua relação com a memória. A isso acrescentemos que o objetivo principal de tal análise é demonstrar de que forma os epitáfios satíricos se propõem à correção dos vícios que corrompem o Bem comum da *Respublica* e, simultaneamente, querem instituir-se como memória duradoura, transmissora de *exempla*, que possibilitam, pela reatividade negativa por eles produzida, a constituição social da virtude.

Na representação dos caracteres vituperados nos epitáfios de dom Francisco de Quevedo, entrecruzam-se preceitos propriamente poéticos com outros, de caráter retórico. É curta a passagem em que Aristóteles, na *Poética*, define o cômico; sendo a comédia também ela imitação, é, no entanto, de caracteres inferiores, e embora estes últimos se tipifiquem por alguma sorte de vício, os vícios que lhes são próprios são os chamados “anódinos” e que causam ridículo: “O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem expressão de dor” (ARISTÓTELES, *Poet.* V, 1449b, 1995). João Adolfo Hansen, em um de seus estudos sobre a sátira produzida no Império Português no século XVII, ao ler em Aristóteles que a comédia tratava somente de vícios “fracos”, propõe complementarmente que o outro subgênero do cômico, a *bomolochia* ou maledicência, tinha como matéria os vícios ditos “fortes”. Em “Anatomia da Sátira”, João Adolfo Hansen assevera que a “virtude é meio termo unitário de dois extremos viciosos” e que “só é ridículo o extremo vicioso mais baixo e vergonhoso que o outro” (HANSEN, 2011, p. 153). Pensando, portanto, toda virtude como meio termo unitário entre vícios, uns fracos, outros fortes, João Adolfo Hansen exemplifica os dois tipos de vício tratados por Aristóteles na *Ética Nicomaqueia*. Caso pensemos, por exemplo, em uma virtude como a amizade, é-lhe oposto um vício fraco, que causa o riso, como a adulação; mas também se lhe opõe um vício forte como a traição, que causa horror (HANSEN, 2001, p. 152). Quanto aos elementos propriamente retóricos, que estruturam o poema de que ora tratamos, é relevante fazer

alusão ao fato de que os epitáfios satíricos inserem-se, obviamente, no subgênero vituperante do epidítico, pois, por meio do castigo por eles produzido a diversas transgressões, propõe-se a correção dos vícios praticados com vistas à restauração da ordem transgredida. Sabe-se que o gênero epidítico tratava do belo e do bem, assim como do feio e do mal, desde a retórica de Aristóteles (ARISTOTLE, *Rhet.*, I, ix, 1-7, 1994), assim como em tratados gregos e latinos que lhe são subsequentes, como a *Retórica para Alexandre*, de Anaxímenes de Lâmpsaco, e a *Institutio Oratoria* (QUINTILIAN, 1963), dentre outros. Acrescentemos a isso que os epitáfios são discurso que deve ser registrado tradicionalmente sobre materiais duros – e, portanto, duráveis –, a lápide, de preferência. Ademais, cabe lembrarmos que a lápide em que se inscreve o epitáfio, para além de ser duradoura, também permanece em lugar público, e é justamente essa sua eterna publicidade que a torna o suporte ideal de uma mensagem que só pode atingir sua finalidade “exemplar” se for constantemente rerepresentada àqueles a quem se destina. Na perspectiva que aqui se esquadrinha, o efeito de perenização própria das escritas epigráficas advém, por conseguinte, de um lado, do material que lhes dá suporte, e, de outro, do espaço onde se localizam tais inscrições. Neste ponto, tais aspectos delineiam-se sinteticamente nas palavras de Le Goff (2003, p. 428):

[...] A pedra e o mármore serviam, na maioria das vezes, de suporte a uma sobrecarga de memória. Os arquivos de pedra acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea.

No caso específico do epitáfio satírico de Francisco de Quevedo, notemos que é justamente o caráter permanente e duradouro da inscrição, que, ao ser lida, atualiza e reatualiza a memória danosa do defunto, nomeado pela *persona* satírica, pela voz prudente que fala do vício para corrigi-lo, “fanchono”, ou seja, sodomita. Assim sendo, a inscrição configura-se como testemunho de existência viciosa, que acumulava pecados *contra naturam*. Sob essa perspectiva, torna-se, pois, instrutivo percebermos que a poesia converte-se num monumento seguro, tal como o mármore, que é, por excelência, durável. Na verdade, ela ainda suplanta a durabilidade da pedra, caso levemos em consideração que,

*Epitáfio
satírico de D.
Francisco de
Quevedo
e a escritura
como Damnatio
Memoriae*

51

Marcello
Moreira

Luzia Silva
Pinto

52

indiscutivelmente, resiste muito mais aos efeitos corrosivos do tempo pelo fato de multiplicar-se em incontáveis cópias. A reprodutibilidade técnica associada à escritura é garantidora de que o castigo poético haja de prevalecer contra as intempéries (ACHCAR, 1994, p. 104). Como se vê, tanto em Le Goff, quanto em Achcar, torna-se, pois, lícito supormos que há uma relação entre poesia e memória desde os antigos, merecendo especial relevo Homero, inolvidável na composição do verso resistente ao tempo. Neste contexto, é digno de nota “o caráter imperecedouro da poesia e a associação entre reis e poetas são narradas em quase todas as poéticas e retóricas quinhentistas” (MOREIRA, 2006, p. 104) com vistas a enfatizar a importância do patronato de atividade tão vital para a sobrevivência das linhagens monárquicas e de seus feitos.

Desse modo, a poesia quinhentista e a seiscentista tanto podem configurar-se como fama futura, já que a palavra vive mais tempo do que os feitos, no caso dos discursos epidícticos que objetivavam o louvor, quanto podem visar a perenizar a memória dos danados, no caso dos discursos epidícticos vituperantes. De qualquer sorte, mais importante é termos em mente que as citadas poesias, os epitáfios, podem, no caso daqueles que são elogiosos, redundar de trabalho “encomendado”, pelo fato de o poeta participar de amplas redes clientelares, comuns no seio das antigas monarquias ibéricas (HESPANHA, 1994, p. 33-36). Sabe-se que, no mundo antigo, havia a prática de encomendar epitáfios a compositores especializados no gênero, como o afirma Achcar (1994, p.160): “O atributo por excelência encarecedor do produto do poeta seria sua virtude de preservar a memória das obras dos comitentes, e preservá-la ainda mais do que o mármore dos monumentos seria capaz.”

Tendo em vista que os monumentos constituem materiais da memória, consideramos, de grande relevância, remontar à origem deles, a partir dos ensinamentos de Le Goff (2003, p. 526):

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-europeia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos [...].

Concernente, ainda, à definição do latim *monumentum*, este significava, aos olhos de Achcar (1994, p. 163) “um monumento qualquer em pedra e bronze, uma obra literária, em prosa ou em verso, na materialidade de sua redação escrita”. Como se vê, tanto em Le Goff, quanto em Achcar, torna-se, pois, lícito supormos que há uma relação entre poesia e memória desde os antigos, merecendo especial relevo Homero.

Face ao exposto, cabe mencionar que o epitáfio é uma inscrição de tipo memorial, pois visa a garantir a memória póstuma do defunto, e, em geral, tem caráter elogioso e admonitório, advertindo os passantes sobre a fugacidade da vida, a vanidade das coisas do mundo, a vaidade do homem etc. Respeitante ao epitáfio satírico quevediano, releva notar que, nele, produz-se também uma memória do defunto, mas essa memória é um castigo que lhe é imposto, pois se fustiga o morto ao discriminar-se o rol de seus vícios e sua impenitência. Notemos, portanto, que a memória, no epitáfio satírico, é condição de um deslustre permanente para o defunto, que, justamente por estar morto, não pode revidar ao ataque que se lhe faz. A memória do vício, desse modo, contrariamente à prática do encômio, que produz a perpetuidade de feitos e virtudes, é memória contraexemplar daquilo que se deve, justamente, a todo custo evitar.

Com o fito de sustentarmos o que acima dissemos, detenhamo-nos, por uns instantes, na análise de um epitáfio atribuído a Francisco de Quevedo, epitáfio esse que está copiado no fólho 154 v. de códice depositado na Biblioteca Menéndez Pelayo, em Espanha, que assim se nomeia: “FRAGMENTOS/ NO IMPRESOS HASTA OY./ DE D. FRANCISCO DE QUEVEDO/ Villegas. Cavallero en el / Orden de Santiago, y Señor / de la Torre de Juan Abad/ Recogidos/ Por un aficionado/ Para los discretos”.

Observemos que Quevedo, mediante epitáfio que lhe é atribuído, empreende a crítica contumaz de uma das muitas transgressões que foram objeto do discurso vituperante nos séculos XVI e XVII, ou seja, o crime *contra naturam*, o pecado nefando ou sodomia. Convém esclarecer que os inquisidores chamavam pecado nefando *contra naturam* não só a sodomia propriamente dita (que ocorre entre dois homens ou entre um homem e uma mulher), mas também as relações sexuais entre mulheres e a bestialidade ou zoofilia. Respeitante, ainda, à ideia da sodomia, vista como um crime e um pecado *contra naturam*, o estudioso Federico Garza Carvajal (2002, p. 22) assevera que:

*Epitáfio
satírico de D.
Francisco de
Quevedo
e a escritura
como Damnatio
Memoriae*

Marcello
Moreira

Luzia Silva
Pinto

54

La textualización de la sodomía como un pecado y un crimen contra la naturaleza, una especie de plaga pestilente contagiosa a menudo imputada como proveniente de fuera y las percepciones de los sodomitas representados como hombres viles, despreciables e incluso afeminados, todo eso constituía parte de los discursos de la hombría española. Los teólogos y otros escritores del inicio de la España y Nueva España moderna fabricaron esos discursos con la intención de fomentar la política del império.

Outrossim, salientamos que o epitáfio escrito por Quevedo “homenageia” de forma a desonrar um italiano chamado Tullio, e a didascália que intitula o poema propriamente dito – “A un Italiano llamado Tullio” – prescreve a leitura a ser efetuada pelos leitores do poema. Mas que leitura é proposta por meio da didascália? Como se sabe, uma das tópicas satíricas mais recorrentes na Europa dos séculos XVI e XVII é aquela que associa os italianos às práticas sodomitas (HANSEN & MOREIRA, 2013, p. 398 e seguintes). Os italianos eram considerados na Península Ibérica sodomitas contumazes, o que torna apropriadíssima a sátira composta por Quevedo, e o italiano, que é sua matéria, é também, apesar de defunto, o seu destinatário, o que provoca mais riso, pois, apesar de poder servir de aviso àqueles que insistem no mesmo erro, objetivo primeiro do epitáfio, não pode mais, por razões óbvias, beneficiar aquele que “homenageia”. Nestas condições, pode-se entender o epitáfio, portanto, como um aviso, mas como um aviso que só pode trazer benefícios àqueles que desejarem se corrigir enquanto têm tempo de fazê-lo.

Nesse sentido, o aviso produzido pelo epitáfio acena para a perenidade do riso de todos aqueles que lerem a inscrição fúnebre composta para o fanchono, que assim principia:

Yace en aqueste llano
Tullio el italiano,
que a marzo parecía
en el volver de rabo cada día.
Tú, que caminas la campaña rasa,
Cósete el culo, viandante, y passa.

Já na primeira estrofe do poema, deparamo-nos com a especificação do vício que peculiariza o satirizado, o entregar-se ele ao “volver de rabo cada día”, o que, por seu turno, implica a necessidade de que os passantes “fechem o cu” e passem adiante rapidamente. O “volver de rabo cada día” é tópica satírica que emula tópicos primaveris, pois, como se diz, “a marzo parecia” no volver de rabo, o que significa que esse movimento, próprio do vituperado, se caracterizava por certo vitalismo primaveril. Notemos que Francisco de Quevedo produz, por meio de uns poucos versos, a primavera do vício, primavera essa paradoxalmente que resiste a todos os invernos, até mesmo àquele próprio da sepultura. Contudo, o verbo “coser” significa “unir con seda o hilo enhebrado en la aguja dos pedazos de tela, cuero, etc.”, o que redundando, em última instância, o ser melhor ter “as pregas do cu” agulhadas – instrumento que tem óbvio valor fálico, no contexto da primeira estrofe – do que lanceadas pelo italiano, que na campa jaz. Logo no início da estrofe seguinte, especifica-se a razão de sua morte:

Murióse el triste mozo malogrado
de enfermedad de mula de alquileres,
que es decir que murió de cabalgado.

A *persona* satírica afirma ter ele morrido da mesma enfermidade que sói matar as mulas de “alquiler”, aquelas cujos serviços podem ser contratados por meio de pagamento e que, portanto, estão disponíveis para quem desejar delas fazer uso. Que doença é essa, no entanto, que leva as pobres mulas de “alquiler” à morte? Morrem elas esfalfadas de tanto ser cavalgadas. O ser cavalgadura para outros homens implica o estar sob o domínio de “cavaleiros”, relação que remete ao “encima” e ao “embaixo”, ao “alto” e ao “baixo” e a tudo aquilo que essa relação topológica significa na cultura cristã.

Depois de morto o italiano, assevera o poeta:

Con palma le enterraron las mujeres;
Y si el caso se advierte,
Como es hembra la Muerte,
Celosa y ofendida,
Siempre a los putos deja corta vida.

*Epitáfio
satírico de D.
Francisco de
Quevedo
e a escritura
como Damnatio
Memoriae*

55

Marcello
Moreira

Luzia Silva
Pinto

56

No primeiro verso, pode-se dizer que a ambiguidade da palavra “palma” serve ainda mais para a ênfase do caráter vituperante e risível do epitáfio, pois as mulheres que acompanharam o defunto enterraram-no com “palma”, com o sentido de “glória” e “triunfo”, conquanto o triunfo verdadeiro seja o das mulheres que o acompanham, pois ele nunca as quis e foi delas feroz competidor. A leitura ora feita parece confirmar-se nos versos subsequentes, quando se enuncia que a “morte”, por também ser fêmea, encurta a vida daqueles que desprezam as mulheres.

Quando da leitura da última estrofe do poema, deparamo-nos com a extensão da corrupção provocada pelo pecado *contra naturam*, praticado pelo italiano, pois a *persona satírica* declara que, de seu corpo corrompido – não nos esquecendo de que os corpos dos santos, por exemplo, para além de serem incorruptíveis, exalavam odor agradabilíssimo (BLOCH, 2005, p. 68 e seguintes) – criaram-se vermes que, pelo fato de terem a mesma substância do sodomita, amontoavam-se também eles, uns sobre os outros, cavalgando-se, pois eram, como o que os pariu, “bujarrones”, ou seja, sodomitas.

No epitáfio ora em análise, a descrição do tipo vicioso é empreendida a partir do emprego dos preceitos e *topoi* convenientes ao gênero epidítico, visto que o vitupério, conforme está explicitado nas preceptivas clássicas, é obtido mediante fixação nos vícios contrários às virtudes. Não se deve perder de vista que o “honrar a memória”, no caso do Italiano Tullio, portanto, passa a significar a perpetuação de *res gestae* viciosíssimas, perpetradas pelo sodomita, o que torna o defunto, pela monstruosidade dos vícios, *exemplum* a ser emulado enquanto tópica da sátira – forma de memória, certamente.

Assim sendo, os epitáfios satíricos, dispostos em lápides ou não (como é o caso dos quevedianos), são enunciados que visam a tornar pública a lembrança do defunto, posto que, além de amenizarem os efeitos corrosivos do tempo, ainda evitam o anonimato do jacente para as gerações pósteras, constituindo-se, para tanto, em um *monumentum* que perpetua a memória danosa, na medida em que “celebra” os feitos dos “piores do que somos”, componentes degradantes hierarquicamente da sociedade estamental, do Estado monárquico europeu, dos séculos XVI e XVII, e que são atualizados no epitáfio delimitado para análise, visto o conteúdo vituperante do mesmo.

É de notar que o epitáfio ora analisado, assim como os demais epitáfios satíricos quevedianos, destinam-se ao vitupério dos tipos moral e socialmente corrompidos, por meio da disposição regrada dos des-

vios cometidos, dignos de se transformarem em memória danosa, porque vil, grotesca, decaída e pecaminosa. Assim sendo, mais interessante é percebermos que há uma mútua relação que permite a estabilidade da memória, da poesia que a difunde, do poder que as consolida, poder esse que também é consolidado por elas, haja vista que “a memória a ser construída poeticamente [...] não pode ser separada do monumento codicológico que organiza a produção poética atribuída ao poeta e que, ao fazê-lo, preserva-a” (MOREIRA, 2003, p. 83-84).

Destarte, do epitáfio satírico quevediano aqui analisado, inferimos que morte, memória, poder e poesia se imbricam, firmando e afirmando uma estrutura hierárquica, entendida como ideal, na sociedade monárquica europeia dos séculos XVI e XVII. Portanto, o epitáfio satírico, ao referir os feitos e caráter do defunto pecaminoso, perpetua sua lembrança, legitimando, assim, que a morte não desmente o vício, ou, melhor dito, a morte, enquanto morte, é condição de perpetuidade da memória do vício.

À vista do que fica exposto, cabe dizer que a poesia de Quevedo, que tem como matéria os sodomitas, apresenta uma evidente finalidade didática e moralizante, já que, objetivando a correção da ordem natural e social transgredidas pelas práticas subversivas do sodomita, alerta, por meio do escarmento e do riso, a todos aqueles que não se portam como “melhores”, ou seja, como a representação da ordem os apresenta e os constitui. Logo, é impossível dissociar poética, retórica, política, teologia, memória (técnica e social) e poesia nas práticas letradas da sociedade monárquica europeia à qual pertenceu Francisco de Quevedo.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, F. **Lírica e lugar-comum**: alguns temas de Horácio e sua presença em português. São Paulo: Edusp, 1994.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentários e apêndices de Eudoro de Sousa. 4ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

ARISTOTLE. **Art of Rhetoric**. Cambridge: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1994.

*Epitáfio
satírico de D.
Francisco de
Quevedo
e a escritura
como Damnatio
Memoriae*

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HANSEN, João Adolfo. Anatomia da sátira. In: VIEIRA, Bruno V. G. & THAMOS, Márcio (Org.). **Permanência clássica**. Visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana. São Paulo: Escrituras, 2011, p. 145-169.

Marcello
Moreira

HANSEN, João Adolfo & MOREIRA, Marcello. **Para que todos entendais**: poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra. Letrados, manuscritura, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII. Belo Horizonte: Autêntica/Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP, 2013.

Luzia Silva
Pinto

58

HESPANHA, António Manuel. Às vésperas do **Leviathan**. Instituições e poder político, Portugal, século XVII. Lisboa: Almedina, 1994.

MOREIRA, M. Ad Parnasum: expansão, colonização e empresa civilizatória Lusa em Música do Parnaso. **Revista USP**, São Paulo, n. 70, p. 141-151, jun./ago. 2006.

MOREIRA, Marcello. Ut pictura poesis. Análise bibliográfico-textual de dois membros da tradição de Gregório de Matos e Guerra. **Revista USP**, n. 57, mar./maio 2003. p. 87-103.

QUEVEDO, Dom Francisco de. **FRAGMENTOS/ NO IMPRESOS HASTA OY./ DE D. FRANCISCO DE QUEVEDO/ Villegas**. Cavallero en el / Orden de Santiago, y Señor / de la Torre de Juan Abad/ Recogidos/ Por un aficionado/ Para los discretos. Códice depositado na Biblioteca Menéndez Pelayo.

QUINTILIAN. **The Institutio Oratoria**. With an English Translation by H. E. Butler. Cambridge: Harvard University Press, 1963.